

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM ENFERMAGEM EM ANGOLA

Eduardo Elambo Caiangula^{1,2}

Paulo Luvualo²

Ana Maria José Garcia João Pascoal²

Matilde António Baltazar Mazamba².

A Enfermagem angolana, ao longo de sua história, vem buscando uma identidade para romper os estereótipos, atravessada pela busca do saber, da produção do conhecimento científico, para assim permitir um avanço da prática profissional nas áreas de docência, gestão, pesquisa e assistência, que são os quatro pilares da enfermagem moderna. Sabe-se que a produção de conhecimento e tecnologia e formação de recursos humanos para a pesquisa são temas que tem ocupado, cada vez mais, lugar de destaque nos espaços académicos e governamentais. Muito se tem falado sobre a importância dos indicadores científicos no processo de crescimento e desenvolvimento dos países. (Santos et al, 2015). Angola é um jovem país que precisa de desenvolver a produção científica para melhorar a sua forma de actuação na área de enfermagem, profissão que assegura a assistência em saúde em mais de 60% das unidades sanitárias do país.

O fortalecimento da Enfermagem, como ciência, pretere o desenvolvimento de um corpo de conhecimento alicerçado numa base de evidências de estudos científicos bem desenhados e que tenham implicações para uma prática segura. A investigação científica confiável e de qualidade, garante o reconhecimento das áreas dos saberes da enfermagem e dos profissionais e pesquisadores envolvidos (Praxedes, 2020). Toda a investigação científica é uma actividade humana de grande responsabilidade ética pelas características que lhe são inerentes. Sempre associada à procura da verdade, exige rigor, isenção, persistência e humildade. A investigação em enfermagem não foge a estas exigências e requisitos, devendo obedecer aos princípios éticos nacional e internacionalmente estabelecidos. Estes princípios, sendo comuns a uma qualquer investigação, têm, no entanto, particularidades inerentes à disciplina científica que lhe serve de base (Martins, 2008).

¹Conferencista, Mestre em Saúde Pública

² Direcção Executiva Nacional da Ordem dos Enfermeiros de Angola (ORDENFA)

Objectivando avaliar a evolução da produção científica na área de enfermagem em Angola, desenvolveu-se uma pesquisa descritiva transversal com abordagem quantitativa. A pesquisa envolveu 47 profissionais de enfermagem de diferentes níveis de formação e categoria profissional, que actuam nas áreas de docência, gestão e assistência.

O estudo reveste-se de extrema importância, visa fortalecer a Enfermagem, como arte e ciência, prescindindo o desenvolvimento de um corpo de conhecimento fundamentado numa base de evidências de estudos científicos bem desenhados com implicações para uma prática assistencial segura.

SITUAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO NO MUNDO (UNESCO, 2021): Quatro em cinco países (80%) ainda gastam menos que 1% do PIB em Pesquisa e Desenvolvimento (R&D). O investimento em R&D (2014-2018) foi de 1,71-1,79% no mundo (aumentou 19,2% com) 14,8% do PIB global) e 0,49-0,51% na SSA. Pesquisadores (ETI) por milhão de habitantes (2014-2018) foi de 1.245-1.368, no mundo ()13,7%) e 102- 124 na SSA. Em 2018, a SSA tinha 14% da população e 0.7% dos pesquisadores do mundo.

Angola: Crescimento económico 2014-2018 (-0.87%), Inventores (1... versus 505 na SAR), Despesa em Pesquisa (sem informação), 2ª maior economia da região austral, mas das piores no Doing Business index, Publicação Científica 87-94 (43% em Saúde) (colaboração com PT, USA, BR) UNESCO SIENCE REPORT (2021).

SITUAÇÃO DA CIÊNCIA EM ANGOLA (UNESCO, 2015): Investigadores por um milhão de habitantes = 73 (2011), dos quais 27.1% são mulheres (baixo, desigualdade do género). Publicações por milhão de habitantes, 2 (2014) (baixo). Forte crescimento, embora ainda com valores relativos muito baixos, em termos de publicações, de 17 em 2005 para 45 em 2014. Áreas principais de incidência: Ciências médicas (61 publicações, 35.7%), Ciências biológicas (48 publicações, 28.1%) e Geociências (38 publicações, 22.2 %), de 2008 a 2014. Principais parceiros de investigação internacionais: Portugal (73 publicações), USA (34 publicações), Brasil (32 publicações), UK (31 publicações), Espanha e França (26 publicações), de 2008 a 2014. Não estão disponíveis dados sobre os gastos em Investigação e Desenvolvimento (I&D) [Actividades e Produtos Científicos, Manual de Frescate] UNESCO SIENCE REPORT

(2015) (Quadro1). Dos cinco Países africanos comparados, Angola tem o 3.º maior PIB (ultrapassado pela Nigéria e pela África do Sul) e o 2.º maior PIB per Capita (apenas ultrapassado pela África do Sul), mas é o último nas publicações em saúde "Assunto: País" (total, no quinquénio e no último ano), mesmo indexando à população. A INVESTIGAÇÃO EM ENFERMAGEM: Qual a situação de pesquisa em saúde em Angola?

Numa investigação desenvolvida por Ferreira e seus colaboradores em 2014 sobre os desafios da educação médica e da investigação em saúde no contexto de Angola, referem que os países em desenvolvimento precisam ter uma massa crítica estável de investigadores que possam aferir com rigor as necessidades locais e as prioridades de saúde. Neste contexto a enfermagem angolana precisa de investimento nos profissionais diferenciados capazes de desenvolver a investigação científica, visto que a semelhança dos países africanos falar da investigação em enfermagem em Angola há que investir muito para o seu desenvolvimento.

- ✓ A maioria eram estudos de epidemiologia/Saúde pública.
- ✓ As doenças infecciosas representaram 59 % dos *papers*.
- ✓ Angola foi o país com o maior número de afiliações do primeiro autor.
- ✓ No entanto, a contribuição das instituições angolanas foi relativamente baixa.
- ✓ São poucos os estudos de determinantes socioeconómicos da saúde, políticas ou sistemas de saúde, recursos humanos ou educação médica.

A enfermagem, como a conhecemos, é recente enquanto profissão, mas que como forma de estar e de actuar, existe desde que há um ser humano que sofre e perante ele, um outro que pretende ajudar. Apesar da origem modesta, a enfermagem percorreu um longo caminho até adquirir a notabilidade e a importância de que desfruta actualmente. Para tal terá contribuído não só a formação, mas também o investimento na investigação. À medida que os enfermeiros foram recebendo uma formação mais profunda e academicamente elevada, foram surgindo também os estudos de investigação.

Os enfermeiros sentem cada vez mais a necessidade de desenvolver o seu conhecimento científico e a sua aplicação prática a nível dos cuidados que prestam. Simultaneamente, reconhece-se a importância da investigação para o

desenvolvimento contínuo da profissão e a tomada de decisões adequadas e inteligentes para prestar os melhores cuidados aos utentes, para a alicerçar e consolidar ao nível do saber e da ciência e ainda para demonstrar aos outros os fundamentos sobre os quais se estabelece a sua prática, ou seja, dá um forte contributo para a sua visibilidade social.

Procura-se com a investigação fomentar uma atitude de carácter reflexivo e capacidade de análise crítica como a melhor forma de a enfermagem se desenvolver. Equacionando aquilo que faz, reflectindo e questionando os modelos de trabalho e as práticas profissionais, a enfermagem vai encontrando alternativas adequadas à resolução dos problemas com que actualmente se debate. A investigação em enfermagem roda em torno de duas grandes abordagens: a quantitativa e a qualitativa. A investigação quantitativa é, sem dúvida, a que tem maior peso histórico. No entanto, pela grande ligação da enfermagem às ciências humanas, a investigação qualitativa tem vindo a ganhar peso. Vimos assistindo cada vez mais a um interesse crescente pelas metodologias qualitativas, especialmente nas áreas das ciências humanas. “É como se se tivesse redescoberto a necessidade, ou mesmo a urgência, de pôr em questão o modelo científico clássico que visa a quantificação dos fenómenos sociais” (Roxo, 2004), porque, em inúmeras situações, excessivamente redutor (Martins, 2008, apud Lessard-Hébert, Goyette e Boutin, 1994).

Poderíamos ainda dizer que os enfermeiros podem estar envolvidos na investigação a três diferentes níveis: como investigadores, coordenando o estudo ou fazendo parte da equipa de investigação; como prestadores de cuidados a um doente/ utente sobre o qual está a recair a investigação; como utilizadores dos resultados de investigação. Se os primeiros têm de respeitar os princípios éticos em todo o processo de investigação, já os segundos e terceiros, apesar de não estarem directamente envolvidos, devem ser observadores atentos e exigir o respeito por esses mesmos princípios (Martins, 2008).

Os estudos interessam sobremaneira a enfermagem, pois a construção de uma memória coletiva é o que possibilita a tomada de consciência daquilo que somos realmente, enquanto produto histórico, o desenvolvimento da auto-estima e a tarefa de re (construção) da identidade profissional (Barreira,1999).

Num estudo realizado com 47 enfermeiros, 89,3% tinham estudos superiores, havendo Licenciados, Mestres e Doutores e apenas 10,7% tinham o Ensino Secundário (Ensino Médio completo). No gráfico 1 observa-se a distribuição dos participantes segundo a sua área de actuação profissional, encontrando-se a maior percentagem na área da gestão (25,5%).

Observa-se que a maioria dos profissionais actuam na assistência e a minoria, 6,4% actuam em quatro áreas: Assistência, Docência, Gestão e Investigação. Provavelmente, devido ao custo de vida e os baixos rendimentos, os profissionais exercem as suas actividades nessa diversidade de áreas para compensar o salário.

Relativamente à quantidade de trabalhos científicos produzidos nos últimos 5 anos, verificou-se que a maioria dos profissionais não fez nenhum trabalho ou fez apenas um, como podemos observar na tabela 1.

Ainda se verificou que, relativamente ao tipo de produção científica, como se pode observar na tabela 2, a maioria 37 (78,7%), são trabalhos de fim do curso, ou seja, monografias de fim de licenciatura e dissertações de mestrado. 63,8% dos trabalhos científicos produzidos, são monografias, 14,9% são dissertações e apenas 8,5% são artigos.

Em Portugal, até há poucos anos, a investigação em enfermagem era essencialmente académica, com vínculo directo aos cursos de pós-graduação (Martins, 2008); Avelino, s/d).

A UNESCO refere que há um forte crescimento em termos de produção científica, mas ainda com valores relativos muito baixos, em termos de publicações: de 17 em 2005 para 45 em 2014. (UNESCO, 2015). A razão de valores baixos em termos de publicação de trabalhos científicos, está ligada "em nosso entender" ao fraco incentivo pelo Executivo aos pesquisadores e a falta de financiamento. O relatório da UNESCO (2015) que compara os cinco países africanos (Angola, Moçambique, África do Sul, República Democrática do Congo e Nigéria) refere que, dos cinco Países africanos comparados, Angola tem o 3.º maior PIB (ultrapassado pela Nigéria e pela África do Sul) e o 2.º maior PIB per Capita (apenas ultrapassado pela África do Sul), mas é o último nas publicações em saúde. Sendo os congressos uma fonte de divulgação da investigação científica, também se tentou perceber junto da amostra em estudo que

tipo de participação tiveram em congressos, nomeadamente nos cinco congressos organizados pela ORDENFA.

Tal como se pode observar no gráfico 2, menos de metade participaram, mas verificou-se um aumento no número de participações, na sequência dos congressos. Isto significa que os profissionais estão a tomar a consciência da importância de participarem em eventos científicos, pese embora as maiorias até agora têm participado sem apresentarem trabalhos (gráfico 3), mas pensamos que estamos num bom caminho.

Pode-se concluir que há pouca produção científica na área de enfermagem em Angola e, sendo a classe de enfermagem a maior força de trabalho no sector da saúde, impacta nos resultados da produção científica no sector da saúde. Ainda, não há base de dados referentes a investigadores na área da saúde, nomeadamente em enfermagem, que possam contribuir na investigação em Angola. Os dados corroboram com os relatórios da UNESCO quando referem que pouco investimento tem sido dado para a investigação.

Urge então a necessidade de serem criados incentivos para a pesquisa científica e, visto que é na academia que mais investigação se faz, devem ser criados repositórios científicos nas Instituições de Ensino Superior, onde possa ser divulgada a produção científica dos professores/investigadores e estudantes.

Apontamos alguns desafios para a produção científica angolana em saúde, relacionadas com Políticas Públicas, Financiamento, Superintendência, Regulação e Coordenação:

- Aumentar financiamento público à investigação, através de editais, para assegurar o alinhamento da pesquisa com as políticas públicas e os problemas prioritários.
- Fortalecer e operacionalizar o “Programa e Investigação em Saúde” (PNDS 2012-25, p. 250-5).
- Apropriação e aproveitamento das pesquisas nas políticas e práticas (translação)
- Formação de Investigadores (cursos curtos, mestrados, doutoramentos)
Contratos-Programa para investigação em saúde - Cooperação Internacional

- A nível dos Actores (Pesquisadores, Grupos de Investigação e Centros de Investigação) - Submeter, Desenvolver Projectos de Pesquisa em Saúde e Publicar os Resultados.

Referências Bibliográficas:

Avelino, L. N. T.; Oliveira, B. M. de; Silva, E. B. da; Santos, S. S. S. dos; Ferreira, C. M. de A. (s/d). A Pesquisa Científica da Enfermagem Brasileira: uma abordagem histórica. XIV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e X Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba; Ferreira, Albano, V.L.; Fresta, Mário; Simões, Cristóvão F. C.; Sambo, Maria do Rosário B. (2014). Desafios da educação médica e da investigação em saúde no contexto de angola. *Rev. bras. educ. med.* 38(1) • Mar 2014 • <https://doi.org/10.1590/S010055022014000100018>.

Fresta, Mário. (2020).

Produção Científica Angolana em Saúde: Experiências, Desafios e Perspectivas. Tema livre apresentado na Conferência Nacional de Investigação Científica. NICESA.

Martins, J. C. A. (2008). Investigação em Enfermagem: Alguns apontamentos sobre a dimensão ética. *Pensar Enfermagem* .12 (2).

UNESCO SIENCE REPORT (2015) <http://www.ciencia.ao/noticias/noticias/item/575-angola-no-relatorio-da-unesco-sobre-ciencia>. UNESCO SIENCE REPORT (2021) <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377433>.

TABELAS, QUADROS e GRÁFICOS

Tabela 1: Distribuição dos participantes segundo a quantidade de trabalhos científicos realizados nos últimos cinco anos

Nº Trabalhos	f	%
0	17	36,2
1	16	34,0
2	8	17,0
3	5	10,6

4	1	2,1
Total	47	100,0

Tabela 2: Distribuição dos participantes segundo a tipologia de trabalhos publicados nos últimos cinco anos

Tipologia	f	%
Monografia	30	63,8
Dissertação	7	14,9
Artigo	4	8,5
Outros	6	12,8
Total	47	100,0

Quadro 1: *Comparação da Produção de Conhecimento Científico em Cinco Países Africanos*

N	PAÍS	População (milhões)	PIB (milhões current US\$)	PIB per Capita (current US\$)	Publicações							Pub/ Milhão Hab.
					TOTAL	2020-16	2020	2019	2018	2017	2016	
1	Angola	31,825	89 170	2 970	1 195	393	66	57	66	77	127	2
2	Moçambique	30,366	15 291	490	2 792	928	185	208	192	203	140	6
3	Congo (RDC)	86,791	50 401	530	4 346	1 140	248	258	244	201	189	3
4	África do Sul	58,558	351 432	6 040	44 153	9 866	2 147	2 139	1 975	1 769	1 836	37
5	Nigéria	200,964	448 120	2 030	30 643	6 086	1 519	1 296	1 151	1 040	1 080	8

Fonte: Mário Fresta, 2020

Gráfico 1: Distribuição dos participantes segundo a área de actuação

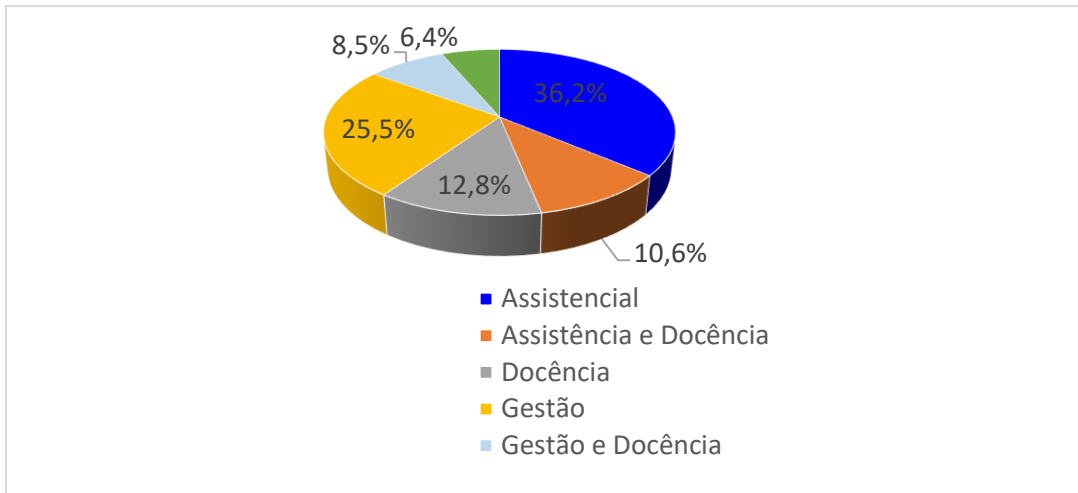


Gráfico 2: Distribuição dos participantes segundo a participação em Congressos

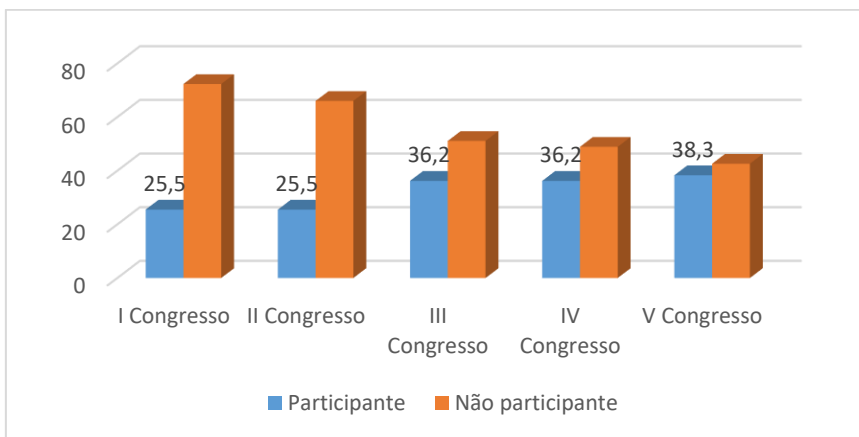


Gráfico 3: Distribuição dos participantes por categoria de participação dos Congressos

